

GAZETA MEDICA DA BAHIA

DIRECTOR EFFECTIVO

Prof. Dr. ARISTIDES NOVIS

REDACÇÃO

CLEMENTINO FRAGA, GARCEZ FRÓES, PINTO DE CARVALHO,

GONÇALO MONIZ, MARTAGÃO GESTEIRA, PRADO VALLADARES,

CESARIO DE ANDRADE, FERNANDO LUZ, J. ADEODATO.

Professores da Faculdade de Medicina

REDACTOR-SECRETARIO

Dr. ARMANDO SAMPAIO TAVARES

Assistente da Faculdade de Medicina

Volume 53

Numero 12—Junho 1923

BAHIA

ESTABELECIMENTO DOS DOIS MUNDOS

35, Rua Conselheiro Saraiva, 35

1923

SUMMARIO

A CONSANGUINIDADE E O CODIGO CIVIL BRASILEIRO—pelo prof. Gonçalo Moniz.....	Pag. 523
VALOR RELATIVO DOS INDICES DE ROBUSTEZ—pelo Dr. Heitor Pragner Fróes	» 539
O Professor Clementino Fraga e as «Orações á Mocidade»	» 544
REVISTA DAS REVISTAS	» 552
NOTICIARIO—Liga Franceza de Hygiene Mental.	» 557
PUBLICAÇÕES RECEBIDAS	» 560
INDICE	» 563

ASSIGNATURAS

Pagamento adeantado

PARA A CAPITAL		FÓRA DA CAPITAL
Por um anno . . . 15\$000		Por um anno . . . 20\$000
Por seis mezes . . 8\$000		Por seis mezes . . 12\$000
Numero avulso 2\$000		

Os academicos de medicina pagarão apenas 10\$000 por anno ou 5\$000 por semestre.

A redacção não se responsabiliza pelos artigos assignados.
Unico agente para a França—*Société Fermière des Annuaire*—
53 Rue Lafayette—PARIS.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Chile n. 26-(1.º andar)
(Teleph. 738)

BAHIA

GAZETA MEDICA DA BAHIA

FUNDADA EM 1868

Vol. LIII

Junho 1923

N. 12

A CONSANGUINIDADE E O CODIGO CIVIL BRASILEIRO

PELO

Dr. Gonçalo Moniz

professor cathedratice na Faculdade de Medicina da Bahia

(Continuação)

3.^o — *Retinite pigmentar*. — Após o surdimutismo, foi a retinite pigmentar a affecção por cuja producção mais se incriminou a consanguinidade.

Cabe a LIEBREICH a prioridade da verificação da coincidência, em muitos casos, do parentesco carnal dos pais com essa especial lesão phlegmasica ou degenerativa da retina nos filhos, dizendo ter encontrado tal coincidência em quasi metade dos affectados da ophthalmopathia por elle observados (70).

Inquiriu ao mesmo tempo LIEBREICH si a affecção ocular de que se trata se achava associada ás outras enfermidades que se tem supposto resultarem de casamentos consanguíneos, especialmente a surdo-mudez e a idiotia. De 241 surdos-mudos que examinou com o ophthalmoscopio no Instituto de Berlim, 14 apresentavam pigmentação retiniana. «Ora, esse numero, diz elle, pôde ser considerado como enorme, attenta a raridade da affecção, pois, afóra esses 14 surdos-mudos, penso que existem apenas em todo o Berlim 20 a 30 individuos por ella affectados».

Dentre esses 14 casos de retinite pigmentar observados em surdos-mudos, em 5 os pais dos enfermos eram consanguíneos, em 7 não o eram, e em 2 faltava infor-

mação a respeito. Declara o illustre oculista ter-lhe impressionado o facto de pertencerem a familias judias 8 dos referidos doentes, «o que parece estar em relação com a frequencia dos casamentos entre parentes na população israelita». «Devo, entretanto, dizer, accrescenta, que não achei entre as pessoas atacadas de retinite pigmentar, porém, não surdas-mudas, numero exagerado de judeus».

Entre 50 idiotas examinados por LIEBREICH em Berlim achou elle 3 com retinite pigmentar, para um sómente dos quaes teve conhecimento da relação de parentesco existente entre os pais, que eram primos.

De 18 pessoas não surdas accomettidas da alteração retiniana em questão, observadas pelo mesmo especialista, 8 haviam nascido de consorcios entre primos, 5 eram filhos de pais não consanguineos, e quanto aos 5 restantes, não conseguiu elle informes sobre esse particular.

Refere, em summa, o autor 35 casos de retinite pigmentar, dos quaes 3 em idiotas, 14 em surdos-mudos e 18 em pessoas dotadas de função auditiva: A consanguinidade dos genitores foi verificada 14 vezes; não existia em 12 casos, e em 9 ficou ignorada essa circumstancia. Dahi chega elle á seguinte conclusão: «A consanguinidade dos pais constitue até o presente o unico elemento etiologico claramente determinado dessa doença particular da retina».

Depois da publicação do artigo a que nos temos reportado, visitou LIEBREICH o estabelecimento de surdos-mudos de Paris, onde encontrou 7 meninos com retinite pigmentar, 3 dos quaes se sabia que eram filhos de primos carnaes; para 3 não havia informação quanto a parentesco entre os pais e para o ultimo não existia tal parentesco.

Outros observadores também encontraram alianças consanguíneas em elevada proporção na ascendência dos affectados da ophtalmopathia de que tratamos. Nas estatísticas publicadas por WIDER, essa proporção é de 31,8%; numa de LEBER, é igual a 25%. No total de 721 casos, achou HERRLINGER consanguinidade dos pais em 228, o que dá a percentagem de 30. Dentre 21 individuos que apresentavam a mesma lesão, observados por FIEUZAL, 8 eram filhos de consanguíneos e 13 não.

As explicações desse facto são as mesmas que já temos dado a proposito de outros estados pathologicos. A retinite pigmentar ou degeneração pigmentar da retina, pois se trata antes de um processo hypoplasico do que propriamente inflammatorio, é affecção que se transmite por herança, quer sob a fórma homologa, quer sob a heterologa, e portanto os casamentos, *inter se*, de membros de famílias eivadas de condição morbida capaz de traduzir-se por essa lesão ocular, multiplicarão os respectivos casos, em virtude da lei de herança já tantas vezes citada.

Os individuos comprehendidos na estatística de LIEBREICH, por exemplo, eram justamente na mór parte degenerados (surdos-mudos, idiotas, etc.) e é de crer que seus pais também o fossem. E assim, não é de admirar que matrimonios de degenerados dêem nascimento a degenerados, sendo effectivamente admittido, como veremos, que também a retinite pigmentar é um dos estigmas da degenerescencia, e por isso tão frequentemente se mostra associado a outros. É de notar que os 14 surdos-mudos affectados de retinite pigmentar que observou LIEBREICH em Berlim, provinham sómente de 6 famílias, havendo um grupo de 5 irmãos, outro de 4, outro de 2, e apenas 3 desses enfermos pertenciam a famílias distinctas. Isso reduz grandemente a propor-

ção dos casaes consanguineos de que procederam os casos morbidos em questão.

Contrariamente aos citados, outros ophtalmologistas de igual competencia, taes como MONOYER, SECONDI, MAUTHNER, GALEZOWSKI, PERRIN, ABBADIE, etc., não verificaram a mesma coincidência entre a consanguinidade e a retinite pigmentar.

Como dissemos, é em virtude da hereditariedade desta affecção que a homoemia influe na etiologia de muitos casos da mesma. As maiores autoridades na materia admittem, de feito, que ella se manifesta em muitos individuos por effeito de tendencia morbida especial transmittida pelos ascendentes.

A herança identica e continua, isto é, a occorrença de retinite pigmentar em filhos de individuos que tinham a mesma ophtalmopathia, não é muito commum: LIEBREICH encontrou-a 1 vez em 66 enfermos; reuniu SCHNEIDER uma dezena de casos; avalia SCHMIDT a sua frequencia na razão de 4 % dos casos e GROENOUW, na de 3 %. Uma familia, cuja arvore genealogica foi organizada por NETTLESHIP, offerece-nos o interessante evento da transmissão continua da affecção em quatro gerações. (V. DAVENPORT, 28, p. 117).

A transmissão descontinua ou atavica, revelada pelos exemplos da chamada «herança collateral», é mais frequente, pois LEBER a achou em 21 % e SCHMIDT em 27 % dos pacientes por elles examinados. (DUFOUR e GONIN).

Talvez mais numerosos são os casos de herança dissemelhante, manifestando-se, conforme dissemos, como expressão da degenerescencia. FÉRÉ, por exemplo, assim pensa, incluindo-a na «familia nevropathica», ao lado justamente dos outros estigmas dessa deterioração constitucional do organismo.

Os autores que hão tratado do assumpto concordam, de facto, em admittir a hereditariedade, sob qualquer das fórmãs apontadas, da lesão retiniana em questão, explicando por essa circumstancia a influencia da consanguinidade dos genitores no determinismo de muitos dos respectivos casos.

«A retinite pigmentar, diz F. REGNAULT, é molestia essencialmente hereditaria e preciso fôra procurar, nos casos em que se tem considerado como causa a consanguinidade, si os pais não tinham essa molestia, ainda que em minimo grau». (27, p. 948).

Do mesmo modo pensa SAMBUC: «A herança nos parece representar papel manifestamente consideravel na etiologia da retinite pigmentar. Muito longe está a consanguinidade de ter grande parte nessa etiologia». (65, p. 100).

Assim se enunciam a respeito DUFOUR e GONIN (71); «Si se admittir que as uniões consanguineas não actuam sinão pela combinação de duas heranças nocivas, si se marcarem limites um pouco extensos ao dominio da herança variada, e si a todos os casos de transmissão directa ou indirecta se ajuntarem ainda os casos de herança collateral, chegar-se-á a estabelecer a existencia de uma predisposição familiar na maioria dos casos de retinite pigmentar».

Tambem não reconhece GALEZOWSKI (72) a acção morbifica attribuida á consanguinidade. «Si se encontra com relação a esses individuos (affectados de retinite pigmentar), diz o insigne ophtalmologista, a consanguinidade dos pais, esta deve, quanto a mim, ser considerada como simples phenomeno de coincidencia, pois em 100 pessoas acommettidas dessa affecção, não observei a consanguinidade senão 15 vezes. ROUSSEAU, SECOND e MONOYER não encontraram essa coincidencia». (p. 614).

Julgam TRUC, VALUDE e FRENKEL (73) não rara a origem hereditaria da retinite pigmentar congenita: «Ella é muitas vezes hereditaria, dizem elles; a consanguinidade só teria importancia por causa da herança» (p. 661).

A igual conclusão havia chegado TROUSSEAU (74), medico da Clinica ophtalmologica dos *Quinze-Vingts*, em seu estudo sobre a consanguinidade em pathologia ocular: «Em summa, diz elle, por si mesma, sem a intervenção da herança, a consanguinidade é impotente para acarretar lesões oculares. Ella não créa estado morbido algum sem os materiaes que lhe fornece a herança».

A transmissão descontínua da retinite pigmentar dos ascendentes aos descendentes mais ou menos remotos póde ser bem interpretada admittindo-se a hypothese, modernamente sustentada por muitos sabios, de que se comporte ella como um character mendeliano recessivo. Eis como a proposito se pronuncia BATESON: «No tocante ás molestias que podem ser recessivas, ha muitas observações que são suggestivas, poucas, porém, em que o facto seja bem demonstrado. Como, naturalmente, não se póde esperar a prova da transmissão directa, será entre as condições que têm sido assignaladas como especialmente frequentes em familias resultantes de casamentos consanguineos que, com mais probabilidade de successo, podem encontrar-se algumas que sejam recessivas. Em taes casamentos podem unir-se portadores de iguaes caracteres recessivos, e assim pela junção de dois germens semelhantes no acto da fecundação, póde formar-se uma prole que apresente o character recessivo. O apparecimento comparativamente frequente de uma variação entre os filhos de taes uniões é dest'arte, *prima facie*, uma suggestão de que ella é recessiva em relação ao normal. Isto tem sido mui

distinctamente observado em relação á *retinitis pigmentosa*, affecção degenerativa da retina. Na estatística de HERRLINGER, entre 761 casos, 228 são declarados resultantes de matrimonios consanguineos. É indiscutível que o estado morbido também pôde ser produzido por varias causas especificas, mas a herança, por intermedio dos casamentos consanguineos, crêa a presumpção de que um grupo de casos pôde ser de natureza recessiva». (66, p. 225).

Falando das affecções que julga poderem ser consideradas como caracteres mendelianos recessivos, entre as quaes inclue a de que tratamos, diz APERT (75):

«Comprehende-se que a probabilidade de trazer os dois conjuges em fórmula latente o factor morbido, o que é necessario ao apparecimento do mal, é muito maior quando são oriundos da mesma estirpe». (p. 43).

Alem do factor hereditario de que nos temos occupado, tem-se attribuido a producção de retinites pigmentares a varias outras influencias, nomeadamente intoxicções e infecções (alcoolismo, pellagra, paludismo, syphilis, febre typhica, escarlatina, etc.), algumas das quaes têm sido discutidas ou contestadas.

Varios autores, todavia, como FERRET, HERRLINGER, etc., acreditam que a retinite pigmentar pôde ser causada pelo alcoolismo dos pais, e entre as manifestações da heredo-syphilis consideram os especialistas a mesma affecção como uma das mais caracteristicas.

No grupo dos estigmas da heredo-syphilis tardia localizados no fundo do olho, inclue ED. FOURNIER chorio-retinites pigmentares de vario aspecto, e com relação a esses estigmas diz o seguinte: «Não hesito em lhes conceder interesse de primeira ordem para o assumpto que nos occupa, e isso por duas razões: em primeiro logar, porque elles se collocam, como frequencia, na

primeira fila dos estigmas denunciadores da heredo-syphilis; em segundo lugar, porque são eminentemente significativos, a favor da herança específica, tão significativos, para certos observadores, que alguns se julgam autorizados a, só por elles, diagnosticar a heredo-syphilis até a terceira geração». (49, p. 77).

Distinguem alguns autores a retinite pigmentar syphilitica da affecção congenere de origem propriamente hereditaria, da qual tratamos em primeiro lugar, e não só quanto á etiologia, sinão tambem quanto á natureza do respectivo processo morbido.

Affirmam DUFOUR e GONIN que puderam sempre differenciar a pigmentação da retinite syphilitica da da «degenerescencia congenita e não syphilitica». «Quando é a syphilis a causa, dizem elles, trata-se de chorio-retinites subagudas, que tomam o aspecto ophtalmoscopico da esclerose retiniana typica... As retinites de origem syphilitica differiriam tambem pelo aspecto das manchas pigmentares, que têm a fôrma de crescentes ou pequenos circulos em vez de serem estrelladas». (71, p. 691).

Collocando entre as affecções familiaes que têm por séde o globo ocular—a *retinite pigmentar congenita familiar*, faz notar APERT que «não deve ser ella confundida com a retinite pigmentar heredo-syphilitica, que pôde, pelo facto da herança syphilitica, acommetter muitos filhos do mesmo casal, mas que é inflammatoria, e não degenerativa como a precedente, segundo os exames histologicos». (63, p. 196).

Salienta, ao contrario, GALEZOWSKI, em um quadro comparativo, a grande semelhança entre os caracteres das retinites pigmentares «congenita e syphilitica», (72, p. 614), e descreve ED. FOURNIER, entre as lesões retinianas pigmentadas da heredo-syphilis, uma fôrma

cujo aspecto é o mesmo reputado característico da outra especie em questão. «Essa variedade, diz elle, é verdadeiramente admirável por consistir em manchas negras que, positivamente, offerecem extranha semelhança com o aspecto microscopico dos corpusculos osseos ditos «osteoplastos» ou «cellulas estrelladas dos ossos». Como estas ultimas, com effeito, são especialmente notaveis por numerosos prolongamentos delgados que, em fórma de tentaculos ou filamentos, irradiam do seu contorno (*manchas estrelladas, retinite pigmentar estrellada*).» (49, p. 79).

Os proprios DUFOUR e GONIN declaram que «têm sido descriptas retinites de origem syphilitica que tinham manchas identicas ás da degenerescencia typica (MILLET, SILEX)». (Loc. cit.).

O que se deve deduzir do exposto é que, nem sempre pelo menos, é facil distinguir as duas especies de alteração retiniana, e que, mui provavelmente, entre os lançados á conta da consanguinidade, estão comprehendidos, em muitas estatisticas, casos de etiologia syphilitica.

Autores ha até que parece não estabelecerem differença entre as duas ordens de ophtalmopathias. Assim é que MORAX (76) descreve a retinite pigmentar entre as lesões chorio-retinianas determinadas pela infecção treponemica e, a respeito, assim se exprime: «Tem-se ligado certa importancia ao caracter familiar e hereditario que apresenta muitas vezes essa fórma de chorio-retinite pigmentar. Hão sido publicados numerosos quadros genealogicos e se lhes tem feito representar grande papel nas theorias mendelianas da herança. Muitos filhos do mesmo casal podem ser atacados e essa affecção coincide por vezes com a surdo-mudez; o mesmo acontece aliás com outras variedades de choroidites

syphiliticas». (p. 427). E acrescenta o mesmo autor: «A infecção syphilitica é a causa unica efficiente dessas lesões chorio-retinianas». (p. 428).

Sendo assim, de todo annullado ficaria o papel da consanguinidade na etiologia da affecção retiniana de que tratamos.

Admittidas, porém, as duas especies de retinite pigmentosa, a conclusão final a que chegaríamos é que sómente na forma hereditaria não syphilitica é que teria a consanguinidade a influencia já por nós definida, isto é, de simplesmente pôr em acção a herança por factores convergentes.

4.^o—*Molestias nervosas e mentaes*.—O facto de haverem encontrado numero relativamente elevado de casos de doenças nervosas e mentaes na descendencia de matrimonios consanguineos levou varios medicos a incluir taes doenças na extensa lista das funestas consequências referidas a semelhantes matrimonios.

Em uma das suas estatisticas achou BEMISS que 15 % dos idiotas provinham de casamentos entre parentes; mas em outra estatistica, essa proporção foi metade menor, igual a 7 %.

Nas pesquisas que fez em nove condados da Escossia, que representavam conjunctamente uma população de 716210 almas, registrou MITCHELL (36) 711 idiotas ou imbecis, dos quaes 98 filhos de casaes consanguineos, o que dá a percentagem de 13,7 %.

Em Bicêtre, achou NOIR 19 idiotas filhos de primos sobre o total de 270 (7 %); a mesma percentagem (7 %) com ascendencia consanguinea encontrou DOWN em 852 idiotas que observou. Em 1076 idiotas recolhidos ao «Royal Albert Asylum» (Lancaster), averiguou SHUTTLEWORTH que 52 eram filhos de consanguineos (5 %). De 204 matrimonios registrados por IRELAND

que deram nascimento a idiotas, sómente em 9' havia parentesco entre os conjugues (4,4%).

Conforme, entretanto, estatísticas de outros observadores, a percentagem dos casos de idiotia, imbecilidade e outras psychopathias, oriundos de consorcios entre cognatos, é muito menor do que as indicadas, e não superior á proporção dos casamentos consanguineos para os casamentos em geral.

Encontrou LEFEBVRE, entre os filhos de casaes de primos germanos, — imbecis e idiotas na razão de 1,9 por 100.

Dentre 4822 alienados recolhidos a diversos asyls da Inglaterra, nos quaes fez G. DARWIN o seu interessante inquerito, sómente 170 eram filhos de primos germanos, o que dá a proporção de 3,5 %, a mesma achada por esse investigador para os matrimonios entre primos no dito grau.

Em 5300 psychopaths de varia especie (inclusive a idiotia), observados por LENTZ, apenas 41 descendiam de pais consanguineos, dando a percentagem de 0,7.

Qual a razão da divergencia dos resultados das duas categorias de estatísticas a que nos temos referido? A mesma já indicada a respeito da discordancia de outras congeneres: a natureza differente das respectivas series de casos. Em umas predomina a consanguinidade morbida, e então apparecem as más consequencias da herança pathologica bilateral homogenea, elevando-se por isso o numero de doentes na progenitura. Trata-se, em outras, da consanguinidade hygida, que nenhuma acção pathogenica possui, não fornecendo, em taes condições, os enlaces entre parentes filhos enfermos em maior proporção do que as allianças de extranhos.

As estatísticas de doenças nervosas e mentaes que se têm apresentado como prova da acção morbifica da

consanguinidade não possuem a importancia que, á primeira vista e consideradas em bruto, parece terem, pois, como as relativas a outros estados morbidos de que hemos tratado, se resentem de falhas que as tornam baldas de valor demonstrativo. Os antecedentes hereditarios dos casos resultantes de consorcios consanguineos são, em taes estatisticas, desconhecidos ou omissos, de modo que não se pôde formar juizo seguro sobre a etiologia dos mesmos.

Nas estatisticas, porém, em que se investigam as condições de saúde dos ascendentes e dos collateraes dos enfermos, averigua-se que na herança morbida e em agentes exteriores (infectuosos, toxicos, etc.) se acha o verdadeiro determinismo dos casos.

Citaremos, como exemplos de estatisticas dessa ultima classe, a cuidadosamente elaborada por BOURNEVILLE e COURBARIEN (77).

De 926 individuos accommettidos de affecções nervosas e mentaes (epilepsias, hysteria e hystero-epilepsia, choréa, imbecilidade, idiotia, loucura, etc.), admittidos nos serviços clinicos de Bicêtre e da Salpêtrière, encontraram os referidos medicos 38 filhos de genitores consanguineos, fornecendo assim a proporção de 4%. Julgam elles dever excluir desse numero 3 casos em que os pais do doente eram parentes em graus mais distantes do que o de primos segundos (filhos de germanos), «visto que os autores consanguinistas ou anti-consanguinistas concordam em reconhecer que o parentesco alem do 6.º grau não tem mais effeitos nocivos», reduzindo-se dest'arte a percentagem a 3,7 %, que é, pouco mais ou menos, a dos matrimonios entre parentes até o 6.º grau.

O mais importante, porém, é que, investigando nos antecedentes dos seus doentes filhos de casaes consan-

guineos as causas capazes de produzir, na ausencia da consanguinidade, as molestias nervosas ou mentaes estudadas, chegaram BOURNEVILLE e COURBARIEN a averiguar que «não havia, entre os ditos doentes, um só em que não pudessem invocar a successão de uma tara nervosa adquirida ou hereditaria».

Dividem elles as suas observações em duas classes: uma de enfermos com antecedentes hereditarios pouco accentuados, taes como *alcoholismo*, *irritabilidade extrema*, etc., nos ascendentes ou nos collateraes; outra, de doentes com antecedentes mais ou menos graves, quer nos progenitores, quer nos parentes collateraes, taes como *alcoholismo intenso*, *arthritismo*, *impaludismo*, *saturnismo*, *hysteria*, *choréa*, *accidentes da gravidez*, *epilepsia*, *idiotia*, *alienação mental*, etc.

Em alguns casos tambem podiam ser considerados como causas da molestia antecedentes pessoas do paciente, a saber: soffrimento durante a vida intra-uterina, asphyxia ao nascer, doenças infectuosas.

«Vê-se, pois, dizem os citados autores, que, si se levar em conta as mais triviaes das causas que podem produzir a *herança nevropathica*, nenhum dos nossos doentes escapará á presumpção de que é victima da herança; se não ha mais que presumpção para os doentes da nossa primeira serie, ha certeza, ao contrario, para os da segunda». Adeante accrescentam: «O que nos parece evidente é que não ha necessidade de appellar para a *consanguinidade*, isto é, para as allianças entre parentes sãos, a fim de explicar os casos de epilepsia, de idiotia, de imbecilidade, que acabamos de examinar. Trata-se aqui, como aliás, na mór parte dos casos, de descendentes *tarados* no tocante ao systema nervoso, de victimas da herança nevropathica. Longe de nós a idéa de dissimular ou attenuar os effeitos da *consanguinidade*

morbida. Acreditamos, ao contrario, que a transmissão dos defeitos nervosos de um dos geradores ao feto é muito mais segura quando se ajuntam disposições semelhantes no outro procreador».

Os estudos de BOURNEVILLE e COURBARIEN, dados a lume em 1889, foram continuados, no mesmo asylo de Bicêtre e na fundação Vallée, por GILLET, (78) até Janeiro de 1900. Nos ditos estabelecimentos entraram, durante esse periodo de 11 annos, 1713 meninos (1228 no primeiro e 485 no segundo).

Inquirindo cuidadosamente á cerca da existencia de parentesco entre os pais desses doentes, apurou GILLET 46 filhos de consanguineos, cujas enfermidades assim se discriminavam: 9 casos de epilepsia idiopathica, 5 de epilepsia symptomatica, 20 de idiotia, 8 de imbecillidade, 1 de choréa e 3 de hydrocephalia. Temos assim proporção de casos de origem consanguinea para a totalidade dos casos igual a 2,68 %. Ora, apesar das incertezas que ha sobre a especie, a percentagem dos enlaces entre parentes em relação aos casamentos em geral, é certamente superior a acima indicada.

«Era interessante, escreve GILLET, procurar nos antecedentes desses 64 doentes as outras causas capazes de produzir, com exclusão da consanguinidade, as diversas affecções supra-referidas. Ficamos impressionados com haver notado que esses doentes dependem tanto quanto os outros, sinão mais do que estes, da herança. Levando em conta a menor influencia etiologica, podia invocar-se, em quasi todos os nossos doentes, com a excepção de um ou dois quando muito, a transmissão de uma tara nervosa adquirida ou herdada». (p. 24). E é o que se pôde verificar pela leitura das observações que apresenta o autor. Os antecedentes hereditarios encontrados foram

os mesmos registrados nas observações de BOURNEVILLE e COURBARIEN.

«É certo, diz GILLET, que para as observações em que nada se acha do lado dos antecedentes que permitta explicar o apparecimento dos accidentes nervosos, podemos perguntar si foram sufficientemente explicitas as informações fornecidas» (p. 29).

Alem disso, pondera muito bem o mesmo autor que toda a attenção é pouca no exame medico dos pais, porquanto podem estes apresentar signaes minimos de estados pathologicos, aparentemente insignificantes, mas que existindo em ambos elles, no caso de parentesco carnal, são susceptiveis de exagerar-se no descendente, que os receberá ao mesmo tempo de um e de outro lado.

Tambem foram apresentadas como provas da desastrosa influencia da consanguinidade, observações de productos morbidos ou anomaes gerados por connubios incestuosos. Ora, dados os sentimentos moraes que vigoram, não só nas actuaes sociedades civilizadas, como até em populações selvagens, ácerca das relações sexuaes incestuosas, sentimentos profundamente incutidos, desde a infancia, no animo de todos, o simples facto de não experimentar horror a taes relações denota consideravel aberração da sensibilidade, verdadeira loucura moral, nos individuos que a ellas se entregam. Que ha, pois, de admirar em que saiam degenerados os fructos da cohabitação de degenerados dessa ordem? «Não é o incesto, diz PORTIGLIOTTI, que, nos poucos casos registrados, determina o surgir de uma prole organica e psychicamente monstruosa: a mais profunda monstruosidade moral é que póde dar logar ao incesto. Dahi resulta que os filhos nascituros trarão fatalmente o cunho sinistro da sua origem culposa». (15, p. 58).

Nas observações de commercios sexuaes incestuosos verifica-se, de facto, nos respectivos actores varios estigmas nevropathicos ou phrenopathicos manifestos. Nas 7 observações, por exemplo, relatadas por **LEGRAND DU SAULLE** (79), vê-se que todos os individuos a que ellas se referem soffriam de affecções nervosas ou mentaes mais ou menos graves. (p. 389).

(*Continúa*).



QUATAPLASMA

do Doutor **ED. LANGLEBERT**

Curativo emolliente aseptico instantaneo

ABCESSOS, ECZEMAS, PHLÉBITES, INFLAMMAÇÕES DA PELLE

DEPOSITO GERAL : 10, Rue Pierre-Ducreux, PARIS. — E em todas as Pharmacias.

VALOR RELATIVO DOS INDICES DE ROBUSTEZ

Está actualmente muito em fóco a questão dos indices de robustez; ha cerca de um mez passado, no numero de 17 de Maio da *Semana Medica* de Buenos-Ayres, lemos um artigo escripto sobre o assumpto pelo medico militar Dr. Irundo Costa, o qual procura estabelecer o nenhum valor desses indices; ora, poucos dias antes haviamos apresentado á S. M. dos Hospitaes da Bahia uma nova formula para a obtenção de um indice mais approximado da realidade que os até então conhecidos e haviamos feito a critica dos mesmos pelo facto de recorrerem apenas a tres elementos (Peso, estatura e perimetro thoracico) dispostos nas respectivas formulas de modo incorrecto.

Pois bem, o Dr. Irundo Costa estabelece suas conclusões de referencia aos indices cujo valor demonstramos ser muito relativo e frequentemente erroneo, visto não ser levado em conta o importantissimo factor que é a expansão thoracica; o exagero na critica dos indices até então conhecidos, a falha sensivel da experimentação feita para demonstrar sua inutilidade e, finalmente, o rigor e o absolutismo das conclusões finaes do referido articulista, nos despertaram a idéa de escrever algumas linhas em que ficasse nitidamente comprehendido o que se póde esperar de um bom indice de robustez e qual a sua importancia como expoente das condições de um organismo:

É o que procuramos fazer no presente artigo.

As experiencias praticadas por Irundo Costa tiveram por fim habilitar-o á verificação dos seguintes itens, aos quaes nos referiremos, mais adeante, ao tirarmos nossas conclusões:

ALUETINA WERNECK tem como base o cyaneto de mercurio, que dentre os saes mercuriaes é o mais rico e portanto o mais activo.

A) O peso, a estatura e o perimetro thoracico serão os expoentes da capacidade physica?

B) Pode-se fundamentar um diagnostico de debilidade constitucional, baseado nesses dados antropometricos?

C) Os chamados indices de robustez indicam realmente o gráo de força («*potencia*») de um individuo?

D) Qual o valor dos chamados indices de robustez?

EXPERIMENTAÇÃO DE I. COSTA

O autor praticou suas observações em «un grupo de conscriptos incorporados al regimiento 1.º de infanteria *Patricios*, reuniendo las següentes características:»

«1.—Peso y perimetro torácico marcadamente deficiente;

2—Indices de robusticidad indicando su mala condición.

3—Evidente miseria fisiologica de acuerdo con el infimo peso y sus indices malos.

4—Ausencias evidentes de estigmas de heredo-sifilis, de secuelas de raquitismo, de distrofias marcadas.

5—Buen basamento. Buena disposición arquitectónica osteo-muscular. Sin tener presente para nada el grado de desarrollo.

6—Torax bien conformado y sus articulaciones libres, sin tener en cuenta para nada su *amplitud ni su excursión* (¹).

7—El examen del funcionalismo respiratorio y cardio-arterial, satisfactorio, al reposo y a la fatiga.

En estos, el ligero examen somático nos impresionaba mal, y nos recordaba la descripción de los llamados *pretuberculosos* (¹).

Depois de mais algumas considerações o autor apresenta uma lista dos coefficients obtidos pelos seus observados no momento da entrada e 6 mezes após; damos a seguir alguns exemplos:

(1) O grypho é nosso.

Nome	Indice de PIGNET (Antes)	(Depois)
B. Augustin.....	42	31
G. José.....	34	24
P. Ernesto.....	32	19
S. René.....	42	40
B. Augusto.....	33	20

Ora, em primeiro lugar, as conclusões a serem tiradas dessas observações referem-se exclusivamente aos indices obtidos pela formula de Pignet; em segundo lugar, tendo sido observados individuos *não obesos e já adultos* é natural que os resultados sejam approximados (embora o factor expansão não tenha entrado em scena). De um modo geral, os indices obtidos depois de 6 mezes de exercicios mostraram uma melhora evidente nas condições dos individuos observados, embora alguns, como S. René, não tenham quasi lucrado, o que não admira visto serem *de constituição fraquissima*, de organismo «*miseravelmente desarrollado, de piel pálida, sin panículo adiposo, escaso desarrollo muscular*», recordando «*los llamados pretuberculosos*» — como confessa textualmente o observador!...

Logo...as experiencias feitas por I. Costa *mostram que nos individuos adultos não obesos o coeff. de Pignet tem innegavelmente algum valor* (o que está de accordo com nossa opinião, já externada em publicação anterior).

CONCLUSÕES DE I. COSTA

Ao primeiro item responde elle que «*ni el peso, ni la talla, ni el perimetro toracico, no son los exponentes de la capacidad fisica*».

Neste ponto estamos inteiramente de accordo pois não

O VINHO IODO PHOSPHATADO sendo um producto do Laboratorio WERNECK deve merecer dos Srs. Clinicos a mais absoluta confiança.

só considerarmos o peso, a estatura e o perimetro thoracico insufficientes para a determinação de um indice (tanto assim que incluímos em nossa formula o perimetro abdominal e a expansão) como não consideramos os indices de robustez como *exponentes da capacidade physica geral*, mas de uma parte della, apenas.

Responde ao segundo item que «*no debe ni puede fundamentar-se en medidas citadas un diagnóstico de debilidad constitucional*».

Já agora estamos em desacordo pois o proprio indice de PIGNET, interior ao nosso, informa com alguma precisão (relativamente a individuos nas condições dos observados por I. Costa) do grão de debilidade constitucional: Os observados eram debeis, de um modo geral; com o exercicio methodisado melhoraram: — Que ha nisso de extraordinario?

O facto de alguém ter mau indice em determinada occasião não é motivo para consideral-o uma pessoa incapaz de tornar-se forte.

Quanto ao segundo item pensa I. Costa que «*los indices de robusticidad indican el grado de tamaño de un individuo, pero nunca su bondad fisico-funcional*».

Mais uma vez estamos em desacordo pois em primeiro logar os indices *não indicam o tamanho do individuo*, visto como representam *uma synthese de elementos dicersos*; em segundo logar o valor dos indices *consiste justamente na indicação do valor funcional do organismo*.

Tambem não estamos com o collega platino quando responde ao quarto item: «*Carecen de valôr los indices de robusticidad y solo sirven como elementos illustrativos*».

Os indices em cuja formula entram 3 elementos apenas, são a nosso ver deficientes (mesmo o de PIGNET) mas não *sem valor*; o nosso indice, evidentemente mais completo e mais racional informa com relativa exactidão, muito approximadamente, qual a aptidão theorica do organismo, isto é, *qual o seu valor funcional*.

Resumindo, podemos concluir: como se segue:

CONCLUSÕES

1.^o — A capacidade physica funcional tem como expo-
nentes o peso, o perimetro thoracico, a estatura, o perimetro abdo-
minal e especialmente a expansão thoracica. Todo indice de
robustez em cuja formula não entrar a expansão (como
elemento primordial) nem o perimetro abdominal (a titulo
de correctivo) será forçosamente incompleto.

2.^o — Um indice de robustez *completo* habilita perfeita-
mente o clinico a fazer um diagnostico de debilidade consti-
tucional; um individuo de máo indice pôde adquirir indice
favoravel com a pratica da gymnastica racional, especial-
mente com o desenvolvimento da capacidade respiratoria.

3.^o — A verificação da aptidão physica de um individuo
deve ser feita recorrendo-se a dois processos; o primeiro —
representado pela obtenção do indice de robustez — que
indica o valor funcional do organismo; o segundo — represen-
tado pela verificação pratica da aptidão geral (realização de
provas, segundo o processo de HÉBERT) — que *indica o*
valor dynamico do mesmo.

Esses dois processos completam-se e só elles habilitam o
hygienista especializado a julgar com precisão qual o valor
physico total, qual a aptidão physica geral, deste ou aquelle
individuo.

4.^o — Os indices de robustez (1), representando synthe-
ticamente o valor funcional approximado do organismo,
são uteis, praticos e imprescindiveis, especialmente nos
collegios civis ou militares e nas instituições de cultura
physica.

DR. HEITOR PRAGUER FRÓES.

(1) Referimo-nos sómente aos índices completos, como o que
apresentamos á S. M. dos Hospitães.

© Professor Clementino Fraga e as "Orações á Mocidade"

O titulo do recente livro do prof. Clementino Fraga faz pensar, primeiro, que as suas «Orações á Mocidade» aproveitarão sómente aos jovens, depois — que o orador, dirigindo-se a juventude, supposto ser mais de velhos que de moços prégar a rapazes, é homem já idoso. Não é isso o que occorre. Nem as «Orações á Mocidade» são orações só para novos, e seu autor, se passa da conta em que se tem a existencia como em flor, acha-se numa estação que, dando embora fructos, optimos fructos, conserva ainda como é proprio de nossa terra, signaes da primavera, sem mostrar indicio algum de outomno proximo... A gravidade dessas paginas, explica-a a orientação de certos espiritos da geração que se acha ao pé dos quarenta annos, de uma banda ou da outra, os quaes preferiram á fama sem merecimento, adquirida por simulações de genio e preparo, o simples «honesto estudo». Porque no prof. Clementino Fraga existe um estudioso, que haveriamos de assentar com os poucos que trabalham aspirando a poder aprender alguma coisa ainda no dia em que hajam de morrer como Renan.

As «Orações á Mocidade», escriptas para occasiões solennes, ora da vida do autor, ora da de seus discipulos, ora da de seus mestres e amigos, como cathedratico da Faculdade de Medicina da Bahia, ou clinico, que é dos mais argutos, interessam, pelo que nellas se contém de experiencia medica e esplendidez literaria, a todos quantos prestem sentido á Medicina, a todos quantos amem

ALUETINA WERNECK com 0,01 e 0,02 de
(CAZ) ²Hg. — As injectões quando feitas na massa
muscular, não produzem a menor reacção local.

a boa linguagem. Nellas poder-se-ia racoltar um catecismo de moral medica, tantos e tão elevados são os principios estabelecidos pelo prof. Fraga para a pratica de sua profissão. Provas da cultura geral do autor revelam-se numerosas, a par de surtos excellentes de eloquencia sem arroubos, que encanta e faz pensar, e uma como philosophia, onde o pessimismo natural dos que observaram e meditaram, asserenado em estoica conformidade, quasi sorri. O que porém imprime ao volume seu character particular, é a constante predicação feita aos medicos novos, dentro na mais aristocratica vernaculidade.

Haverá quem estranhe nas «Orações á Mocidade» a ausencia de «essenismo» — de espirito de classe entre medicos — exercido muitas vezes no encobrimento e defesa de erros. Posto que tenha para todos os therapeutas, alem da solidariedade que socialmente lhes deve, dóse farta de carinho, o prof. Fraga não deixa de revoltar-se contra o que chama falta de «probidade medica». Seja discreto o medico. A «discreção» que, no entanto, lhe aconselha, não comporta a especie de segredo profissional que succede não hesitar na confirmação de engasgos aqui e ali ceifadores de vidas. Para o illustre professor, a «discreção» consiste principalmente na «virtude de falar pouco, sobretudo quanto ao prognostico»; e a sua «probidade medica» quer que se chégue ao extremo de «confessar a insufficiencia dos proprios recursos, appellando para outrem em caso de duvida». E' uma probidade que «não exaggera o triumpho, nem foge á responsabilidade». Probidade desassombro, porquanto implica, tambem, «coragem para desprezar e repellar os «tartufos» profissionaes, que mentem a si mesmos, insinuando «ter chegado tarde», quando

O HYDRATO DE MAGNESIO WERNECK é o mais suave, mais prompto, o mais efficaç e o melhor anti-acido, alcanisante e laxativo conhecido.

o doente morre, e «a tempo», quando cura». Sair da colmeia medica e dizer verdades taes, seria um rompimento revolucionario, uma passagem para o campo indefeso dos doentes, que são a outra porção da humanidade, se o prof. Fraga não houvera falado em familia, paternalmente, a um centro academico. Mas o protesto está agora em livro, e convém ser divulgado. O prof. Fraga exige «que o medico seja de facto um clinico, e da clinica queira viver onde quer que o leve o destino; que penetre o interior brasileiro», libertando-se do urbanismo dos medicos formados no Rio, libertando-se do «consultorio ao ar livre», que era outr'ora na rua do Ouvidor, tendo dado (o urbanismo) ao paiz um corpo de «clínicos da rua do Ouvidor», e é hoje «nos amplos passeios da Avenida...» Pois que ao medico lhe cabe viver da clinica, fuja das chamadas collocações de salario fixo, das funções parasitarias. «A não ser os medicos de saude publica e os que se destinam ao professorado, e em regra concorrem para cerrar fileiras do proletariado intellectual, os outros que «vivam da doença», enquanto não chega o dia de viverem da saude de seus semelhantes. Trabalhando pela conservação da vida humana, trabalham (já) por um alto designio da sciencia e da humanidade».

Sendo talvez a obra em que, no Brasil, exalçando a Medicina ás «dignidades que a recommendam ao respeito geral», mais se tenha aprofundado a questão dos deveres do medico para com a sociedade, as «Orações á Mocidade» são uma das publicações mais bem escriptas da lingua nacional; são um livro que vem demonstrar, do conflicto desde ha muito travado entre a sciencia medica e as bellas letras, que podem viver em accordo as musas e os doutores. Esse

VINHO IODO PHOSPHATADO WERNECK: com iodo e phosphoro em combinação organica. Indicado no lymphatismo, anemia, escrophulose, neurasthenia, etc.

conflicto, aliás, não subsiste senão porque os nossos médicos letrados de certo grau têm sido amigos das letras mais por causa do relevo que ellas lhes trazem á gloria de scien-
tistas, do que pelas satisfações intimas que offerecem. Argumenta-se com a falta de vocação literaria, evidente em alguns d'elles. Não se argumente com a vocação, provado, como está, que a paciência e o esforço tudo alcançam. Muitos dos principaes homens de letras, prosadores e poetas, dos começos do Brasil independente eram medicos. Medico Domingos Gonçalves de Magalhães, medico Macedo, medico Manoel Antonio de Almeida, medico Henrique Muzzio, medico Mello Moraes. Estes porém foram medicos que erraram a carreira. Intelligentes, abriu-se na Côrte uma Faculdade de Medicina, moravam na Côrte, fizeram o curso, alguns, como o autor das «Memorias de um Sargento de Milicias», com dolorosos sacrificios. Mas todos elles, pouco a pouco, trocaram a Medicina pela Literatura, a ponto de lhes desaparecer a laurea doutoral no brilho da Poesia; ao revez de uns tantos dos modernos, que dir-se-ia haverem ingressado na Republica das letras, porque no nosso meio ha um momento de victoria individual, em que se é a mais aquillo que se imagine ser, com a sanção e o applauso dos que sanccionam e applaudem o talento, o saber, o heroismo, a honradez.

O prof. Fraga está deputado federal. Sabemos quantos o conhecem que, para chegar á Camara, não houve de desertar o magisterio e a clinica, não trocou a Medicina pela politica. Conforme elle propria historia, tocou-lhe «fazer medicina na politica». A politica não é unicamente a inspiradora de paixões por quem os homens tanto se degradam: ella ama tambem, e comquanto uma vez por

A KOLA PHOSPHATADA WERNECK escrupulosamente fabricada, tem o seu credito firmado ha mais de 30 annos.

outra recaiam seus amores em alguém que a deseja, no fim de contas, é ella quem escolhe e quem decide. . .

E aí daquelle que foi eleito por sua escolha e decisão de mulher! Tendo feito medicina na politica, a irresistivel tentadora conquistou o professor, se bem que, e felizmente para a sciencia e para a doença, esse amor improviso não esteja sendo tão forte que o faça abandonar os velhos, nobres amores. Deu-se outro tanto com aquelle a quem, com justiça o deputado de hoje chama, em o discurso de posse na Academia Nacional de Medicina—«symbolo da nossa profissão». O preclaro Miguel Couto fez medicina na Academia; ei-lo amado da Literatura; ei-lo homem de letras, ei-lo academico. Não se deduza que o sr. Clementino Fraga, incorporado á representação da gloriosa Bahia, ficasse sendo simples enfeite de bancada—luzeiro de sua terra, fulgindo solitario no horizonte sempre turvo do partidismo. Ao contrario disso, o professor bahiano tem sido um bom deputado—bom deputado na accepção que assume esta palavra quando significa—a competencia em acção ao serviço do paiz. Se mais não houvesse feito, bastaria para o recomendar aos que apenas votaram no medico famoso, o seu elogio de Osvaldo Cruz. Nesse discurso, o nacionalizador da sciencia medica, o patriota que no combate á febre amarella ponde vencer, no Rio, o tradicionalismo da sujeira, encontrou afinal, em um testemunho commovido, o historiador e critico, que expressou precisamente o juizo de todos nós.

O autor das «Orações» possuiria uma afinidade com o commum dos seus collegas que se fizeram literatos, se não tivesse nelle madrugada o que só depois do meio dia surgiu nos demais; enquanto os outros recorreram aos classicos apenas quando se lembraram de ajuntar aos triumphos medicos a corôa literaria, Clementino Fraga occupava suas folgas de estudante de medicina com a leitura dos «Serões Grammaticaes». Alumno do Collegio Carneiro, discipulo do prof. Carneiro Ribeiro, educou-se no exemplo do amor que o celebre preceptor consagrava ao vernaculo—«amor inde-

fesso, apaixonado, mystico». Dos hábitos desse inicio feliz, restou ao professor, ao clinico, ao politico talvez, o ter sempre os «Serões» por «livro de cabeceira e sovaco», como disse D. Francisco Manoel de Mello, e ficou-lhe, segundo transparece, não só da maneira por que escreve, mas ainda daquillo que escreve, «o culto (do mestre) pela nossa lingua, o respeito pelo seu acervo de factos, a adoração pelo seu patrimonio classico». Ahi está onde parece haver-se agrupado, e ao invés se distingue dos seus collegas que entraram maduros para as letras. O professor Clementino Fraga é um escriptor classico; classico, porque foi buscar ao «acervo de factos», ao «patrimonio», os elementos que effectivamente faltam aos que entre nós pretendem escrever com apuro; não tendo por isso perdido o tom especial e inconfundivel da lingua que usamos no Brasil.

A lingua portugueza empobreceu emigrando para a America; o vocabulario em grande parte se perdeu, a syntaxe estonteou-se, ea prosodia, accommodando-se á mollicia de uma alma que o sol abrandou, encurtou as palavras pela imprecisão da nossa pronuncia, alongando-as todavia com a lentidão imprimida ao que sobrou. Achamo-nos na contingencia de criar uma lingua differente da lingua européa. E' dest'arte que vamos constituindo a lingua que o prof. João Ribeiro, avisadamente, baptizou de «lingua nacional». No estado em que ainda se encontra a nova lingua, desfalcada em tanta coisa, rica só de impropriedades e termos regionaes (os bons neologismos, tendo nascido para necessidades que o antigo idioma não satisfaz, não supprem o que foi extraviado), quando se aspira a escrever com acerto, o que logo occorre e o que ordinariamente se faz é recorrer aos classicos. Os classicos infundem prevenção contra os regionalismos e contra

O VINHO LEONI é o vinho RECONSTITUINTE
com lacto-phosphato de cal, quina e carne do Laboratorio
WERNECK.

os neologismos de origem popular. Ruy Barbosa, só nos ultimos tempos, isso mesmo para corresponder democraticamente a enthusiasmos da multidão, se serviu de vocabulos queridos do populacho. Machado de Assis, ledor confesso de Fernão Mendes e — o que mais é — de Azurara, defendia a «essencial pureza do idioma». Para elle, «a influencia popular tem um limite; e o escriptor não está obrigado a receber e dar curso a tudo que o abuso, o capricho, a moda fazem correr». Estas restricções não impediram que um e outro, apesar do seu apêgo aos classicos, apesar das «mil riquezas,» por ambos «desentranhadas» delles, viessem a ser os mestres em cuja obra monumental os brasileiros de amanhã irão por certo aprender a nossa lingua. O prejuizo não está no compulsar, no respigar nos classicos o que não temos, aquillo que corrige os nossos erros, as preciosidades que, accentúa Machado, «á força de velhas, se fazem novas»; os classicos dão-nos base firme para o idioma que o Brasil está architectando; e este idioma, mormente com o concurso delles, se se parece com o espanhol, se se assemelha ao portuguez, não é a lingua espanhola, nem é tampouco propriamente, a portuguesa. Uma lingua representa, antes de tudo, uma alma collectiva que se exprime. Póde sinceramente, assegurar-se que a alma do Brasil seja a mesma alma de Portugal?

O sr. Clementino Fraga pertence a familia, infelizmente reduzida, dos que não tratam de conhecer «o acervo de factos» nacionaes senão depois de se terem assenhoreado do «patrimonio classico», reconhecido o seu valor inestimavel. E' daquelles para quem a producção do escriptor resultará falha não sendo adubada com o fecundo «patrimonio». A instrucção geral, ajudemo-la, com o estudo da lingua vernacula, buscada e rebuscada nos exemplos do bom dizer, antigos e modernos, deste e do outro lado do Atlantico. A cultura philosophica, a cultura literaria remontada á sua nascente crystalina, ás letras greco-latinas, façamo-la; mas não descuremos a leitura dos classicos da lingua. O «patri-

monio classico» em tudo, sempre. Extraordinario phenomeno este de um amor tambem «indefesso, apaixonado, mystico» pela vernaculidade, num homem que se tornou figura insigne da Medicina e a quem seriam sufficientes, para ser grande entre os maiores, seus credits de clinico. A estima do sr. Clementino Fraga pelos classicos explicava-se em um medico e professor cuja experiencia não admitte desprovido de cultura geral o medico que queira exercer a funcção primordial do therapeuta — «a direcção espiritual dos seus doentes.» O modo, porém, pelo qual os aproveita, colloca-o entre os que mais valioso partido têm tirado da convivencia delles, que, posta a chronica a de parte, não é lá muito divertida...

JOSÉ VIEIRA.

(Da *Gazeta de Noticias*)



REVISTA DAS REVISTAS

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO CLIMA DO BRASIL, PELO DR.
HENRIQUE MORIZE. — (*Rio de Janeiro, 1932*).

O trabalho apresentado pelo illustre director do « Observatorio Nacional do Rio de Janeiro », o Dr. Henrique Morize, para ser incluido no « Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil » em commemoração do nosso Centenario de Independencia, e depois reimpresso em elegante brochura por deliberação do Sr. Ministro da Agricultura, é um excellente estudo sobre o clima do nosso paiz, contendo, ao par de uma abundante documentação em mappas, estatisticas e graphicos diversos, o que ha de mais recente a esse respeito.

Antes de entrar propriamente na descripção dos climas do Brasil, o A. estuda ligeiramente os differentes meios e dados para a sua classificação e construcção do climogramma padrão brasileiro, e cita diversas opiniões e estatisticas de autores nacionaes e estrangeiros. Estuda tambem, no capitulo sobre a « influencia hygienica e social dos factores climatericos », a influencia dos diversos factores meteorologicos (temperatura, pressão, etc.) sobre os crimes, os delitos, os suicidios, os casos de loucura e sobre a actividade humana emfim. Terminando, o Dr. Morize apresenta uma serie de « quadros synopticos, comprehendendo os principaes elementos climatologicos mensaes e annuaes de 106 estações brasileiras, tabuladas por ordem das latitudes crescentes » e de climogrammas de muitas das nossas cidades e villas.

Este trabalho representa, sem duvida alguma, uma valiosa contribuição para o estudo da *climatotherapia* brasileira.

A « Gazeta Medica da Bahia » muito agradece o exemplar que lhe foi gentilmente enviado.

ARTHRITES BLENORRHAGICAS TRATADAS PELA INJECCÃO PERI-ARTICULAR DE PRATA COLLOIDAL. — *M. M. Jean Minet e R. Legrand.* — (*Gazette des Praticiens*, n. 555 — Lille, 1.º Abril 1923).

Na sessão de 19 de Fevereiro da «Reunião Medico-Cirurgica dos Hospitaes de Lille», os A. A. communicaram os optimos resultados colhidos com o emprego de injeccões periarticulares de prata colloidal, em tres doentes portadores de arthrites blenorrahgicas.

O 1.º doente, portador havia tres mezes de uma arthrite do joelho esquerdo, consecutiva a uma blenorrahgia, bastante dolorosa e com immobilisação da articulação em extensão, viu collocado á sua perna um apparelho de gesso e recebeu, durante o espaço de noventa dias, diversas injeccões de vaccina gonococcica (Dmégon) e applicações de ar quente, sem resultado algum.

Foram feitas, então, em volta do joelho, nove injeccões de electrargol, de 10 c. c. cada e de tres em tres ou de quatro em quatro dias. Com a segunda injeccão, desapareceram as dores; com a quarta, a articulação já permittia a mobilisação; com a nona, o doente teve alta curado, a flexão da perna chegando a 90º.

O 2.º doente, portador de uma blenorrahgia aguda, soffria ha dois dias fortes dores no cotovelo esquerdo que se apresentava bastante intumescido e immobilisado em semi-flexão. Temperatura: 38,º6. Collocada uma gotteira, foram dadas cinco injeccões de Dmégon de tres em tres dias. Retirada a gotteira, não havia melhora. Com 2 injeccões periarticulares de electrargol (10 c. c. cada), desapareceram as dores, diminuiu a inchação, a temperatura baixou

HYDRATO DE MAGNESIO WERNECK — Neutralisa os acidos, mesmo quando muito diluidos sem desprender gaz carbonico.

a 37°. A mobilisação determinou uma ligeira recaída. Com mais duas injeções, feitas da mesma maneira que as anteriores, todos os movimentos da articulação affectada se normalisaram, excepto a extensão que ficou um pouco limitada.

O 3.º doente, soffrendo, havia um mez e dias, uma arthrite aguda do joelho esquerdo, apresentou-se no hospital com o mesmo immobilizado em angulo recto, bastante dolorido e inchado. Foi collocado, então, sob anesthesia, o membro em extensão numa gotteira e prescripto injeções de Dmégon. O estado geral melhorou, as dores cessaram. A gotteira retirada, a inchação não diminuiu nem tão pouco a immobilitade articular. Duas injeções, de 10 c. c. de electrargol cada, foram feitas em torno da articulação e com um intervallo de cinco dias. As melhoras foram tão rapidas e sensíveis que o doente teve alta alguns dias depois. Convem notar que neste caso, depois de cada injeção, houve uma ligeira reacção local.

SYPHILIS ARSENO-RESISTENTE CURADA PELO BISMUTHO — GOU-
GEROT E GÉRAY. — (*Paris Médical*, n. 9. — 3 de Março
de 1923).

Apresentam os A. A. nesta interessante observação um caso de syphilis conjugal, com o mesmo aspecto clinico e evolução identica em ambos os esposos, syphilis que se mostrando resistente ao tratamento arsenical, depois de ter sido por elle aparentemente curada, foi em definitivo debellada pelo bismutho.

KOLA PHOSPHATADA WERNECK, com extracto de noz de kola, cafeína, glycero-phosphatos de calcio e de magnésio. Indicado como tonico nos casos de esgotamento nervoso.

O marido, apresentando no sulco balano-prepucial, um protosyphiloma typico datando de oito dias, e sendo ainda negativa a reacção de Wassermann, foi logo submettido ao tratamento pelo 914 (novarsenobenzol). Este tratamento foi feito com uma serie de 10 injectões, no total de 6 grs. e no espaço de dois mezes e meio. O accidente primitivo desapareceu com as primeiras injectões. Quarenta dias após a ultima injectão desta 1.^a serie, foi começada uma segunda em condições identicas. Cinco dias depois de terminada esta outra, voltou o doente apresentando numerosas syphilides secundarias papulo-escamosas, de consistencia dura e localizadas nas palmas das mãos e plantas dos pés. Não haviam roséolas. Wassermann totalmente positivo. Prescripto o bismutho (hydroxydo de Bi.), em uma serie de 12 injectões, na razão de duas por semana, as syphilides desapareceram por completo depois da 6.^a injectão.

A mulher, visto se ter contaminado e a titulo de tratamento prophylactico, tomou 3 injectões de 914, na dose de 0,gr.90; porém, como houvesse se manifestado signaes de intolerancia, foram as mesmas suspensas. Cerca de 44 dias depois do contagio, appareceu na commissura posterior dos grandes labios um protosyphiloma typico, demonstrando que, para ser proveitoso, o tratamento preventivo deve ser intensivo. Wassermann negativo. Foi então recommendado o amino-arsenophenol (Eparséno) em injectões de 1 c. c. duas vezes por semana; 24 injectões foram feitas com intervallo de um mez entre duas series de 12 cada. Com a 1.^a serie, curou-se o cancro.

Antes da 24.^a injectão, porém, appareceram numerosas syphilides papulo-escamosas disseminadas pelos ante-braços e face da doente, assim como duas placas mucosas na lingua.

O VINHO RECONSTITUINTE LEONI do Laboratorio WERNECK recommenda-se pelo escrupulo de sua fabricação. E' um preparado de absoluta confiança.

Wassermann francamente positivo. Como o marido, foi a esposa submettida a tratamento identico pelo bismutho, desaparecendo todos os accidentes depois da 6.^a injectão.

Feitas reacções de Wassermann, o resultado foi negativo para ambos os doentes, que cinco mezes depois continuavam bons.

Concluindo, dizem os A. A. que nestes casos o treponema tornou-se resistente ao arsenico, devido ao tratamento ter sido tardio ou insufficiente. Dizem mais que, alem desta causa de arseno-resistencia secundaria, outros factores influem sobre a evolução do virus tornando-o resistente, como: «especialisação progressiva por passagem de doente a doente, raça mais forte do virus, faltas na arsenotherapie permittindo ao treponema lutar, perturbações humoraes, defeito da elaboração dos anticorpos, etc.»

J. S.

NOTICIARIO

LIGA FRANCESA DE HYGIENE MENTAL

O movimento que se nota, ultimamente, em todos os grandes centros scientificos, em pról da prophylaxia das affecções mentaes, do que nos dá eloquente exemplo a «Liga Brasileira de Hygiene Mental», com séde no Rio de Janeiro, tem na França ardorosos propagandistas nos Drs. Toulouse, Claude, Antheaume, Lahy e Genil-Perrin, ao ultimo dos quaes, devemos a gentileza da noticia a seguir, de uma grande festa promovida pela «Liga Franceza de Hygiene Mental» no grande amphitheatro da Sorbonna.

«A 29 de Maio de 1923, teve lugar em Paris, sob a presidencia de M. Justin Godart, deputado do Rhône, antigo ministro, uma imponente manifestação organizada pela «Liga de Hygiene Mental».

Numeroso publico invadiu a immensa rotunda, desde a abertura das portas, tendo sido recusada a entrada a mais de 2000 pessoas.

A esta cerimonia assistiam numerosas notabilidades francezas e estrangeiras, os representantes dos diversos ministerios e do corpo diplomatico, e um certo numero de delegados estrangeiros reunidos em Pariz para a organização do Congresso Internacional de Hygiene Mental, que deve ter lugar em Washington, em 1925, e para o qual M. Clifford W. Beers veio a Europa organizar activa propaganda.

Os delegados presentes eram o Prof. Ley (Belgica), o Dr. Christiansen (Dinamarca), o Dr. Belarmino Rodriguez Arias (Hespanha), Melle. Dra. Helena Boyle (Grã-Bretanha), o Prof. Ferrari (Italia), o Dr. Eversen (Noruega), e o Dr. Hascovec (Tchéco-Slovaquia).

Ao lado de Mr. Justin Godart tomou lugar o General Pau,

os medicos inspectores geraes Toubert e Rouget, o medico geral da Marinha Girard, o Prof. Claude, os Drs. Toulouse, Antheaume, Genil-Perrin, M. J. M. Lahy.

Depois da exposição financeira de M. Lahy, e o *compte-rendu* moral em que o Dr. Genil-Perrin indicou os fins proseguidos pela Liga e os resultados já obtidos, (em particular, a criação do serviço aberto do Dr. Toulouse), o Prof. Ley apresenta ao publico M. Clifford W. Beers, autor do celebre livro do além-mar: « *A mind that found itself* » (Uma intelligencia que encontra a si propria). Sabe-se que este livro, commovente auto-biographia escripta após dolorosa experiencia pessoal, teve uma influencia decisiva sobre a reforma da Assistencia psychiatrica na America, influencia comparavel áquella que teve, para a abolição da escravatura, a obra popular de Mme. Becher-Stove — « *La Case de l' Oncle Tom* ». Foi depois de ter durante tres annos soffrido, em crueis condições de tratamento que, restituído á perfeita saude mental, M. Clifford W. Beers, se consagrou ao allivio dos infortunados mentaes. Elle obteve a criação do Comité Nacional de Hygiene Mental, de New-York, e tornou-se o Secretario Geral deste importante organismo, cujo orçamento annual se cifra actualmente em 200.000 dollars.

Mr. Beers saudou em sua lingua materna os esforços francezes pela melhora da assistencia psychiatrica. O Prof. Claude fez em seguida uma conferencia sobre os *Venenos Sociaux* (Morphina e Cocaina), e o Dr. Genil-Perrin leu palavras de Mr. Paul Bourget, retido em Chantilly, por uma recepção dos delegados estrangeiros nas festas de Pasteur.

Mr. Justin Godart, com a autoridade que lhe é justamente reconhecida em tudo o que concerne aos progressos da hygiene, indicou, numa allocução calorosamente applaudida, todas as esperanças que podem ser fundadas sobre a Hygiene Mental para o soerguimento da França dilacerada pela guerra.

Em razão da hora adeantada, o Dr. Toulouse, autor

directo das reformas realizadas em França, com o concurso de certas administrações, renunciou modestamente a palavra para deixar ao publico a alegria de applaudir mais cedo aos artistas que, benevolamente, prestavam seu concurso á cerimonia.

É inútil insistir sobre o successo desta parte artistica, pois que, os seus interpretes foram Mr. e Mme. Silvain, da Comedie Française, Melle. Margueritte Herleroy, da Opera, Mme. Trouhanowa, Mr. Lugne, Poé H, e Mme. Gabaroché, e o inenarravel Dranem que, rompendo todo o preconceito, penetrava pela primeira vez a Sorbonna.

O entusiasmo do publico foi uma animação preciosa para o Comité da «Liga de Hygiene Mental» ao mesmo tempo que uma indicação util para aquelles, — existirão delles ainda? — que não crêem na urgente necessidade da realiação das reformas pedidas pela «Liga de Hygiene Mental».

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Revue Française de Gynécologie et d'Obstétrique, ns. 1 a 7—1923.
Revista Sud-Americana de Endocrinologia, Immunologia e Quimioterapia, n. 3, Março, n. 5 Maio—1923.

La Prensa Médica, Habana—Abril 1923.

Archivos Paranaenses de Medicina—Janeiro, Fevereiro e Março, 1923.

Revue de Pathologie Comparée et Hygiène Générale—Maio 1923.

Paris Médical, ns. 17, 18, 19, 20, 21 e 22—1923.

Gazeta Clínica, (S. Paulo)—Março e Abril—1923.

Brasil Médico—n. 21, 22, 23 e 24—1923.

Revista Médico-Cirúrgica do Brasil—Abril 1923.

Revista de Medicina, (S. Paulo), n. 23—Abril 1923.

Gazette des Praticiens—Lille, 1.º e 15 Maio, 1.º Junho—1923.

A Folha Médica—Rio de Janeiro, 1.º e 16—6—1923.

Archivos Brasileiros de Medicina, n. 5, Rio, Maio—1923.

Bulletin of The Johns Hopkins Hospital, Baltimore—Maio 1923.

Clinique et Laboratoire,—30—V—1923.

Annaes de Medicina Homeopathica, Rio—Janeiro e Fevereiro 1923.

Laboratorio Clínico, Rio de Janeiro—Março 1923.

A Tribuna Médica, Rio de Janeiro, ns. 5 e 6—1923.

La Semana Médica de Buenos Ayres, ns. 17, 21, 23 e 24—1923.

Annaes Paulistas de Medicina e Cirurgia, I vol., de Maio a Dezembro—1923.

Revista de Gynecologia e de Obstetricia—ns. 4 e 5—1923.

Revista Brasileira de Pediatria, Rio de Janeiro, n. 5—1923.

Long Island Medical Journal, Maio—1923.
